

**Quando o trabalho   o
patrim nio de uma região:
como pensar o desenvolvimento
de um “projet-héritage”?**

**Cuando el trabajo es el patrimonio
de una región:  c mo pensar el
desarrollo de un “projet-héritage”?**

**Quand le travail est patrimoine
d’une région: comment penser le
développement d’un «projet-héritage»?**



Liliana Cunha

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educa o da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal
lcunha@fpce.up.pt

Daniel Silva

Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educa o da Universidade do Porto (FPCEUP)
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal
danielsilva@fpce.up.pt

Marianne Lacomblez

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educa o da Universidade do Porto (FPCEUP), Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)
Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal
lacomb@fpce.up.pt

Resumo

Cada um/a, pela sua atividade de trabalho, procura contribuir a edificar um legado, a colocar em patrim nio os seus saberes-valores. Mas, nem sempre tal   possível. Os processos de mudança tecnológica instigam, de forma particular, este debate.

A nossa pesquisa conduzida no setor da cortiça tem como objetivo, designadamente, mostrar como a atividade de trabalho, atravessada pela técnica, contribui para fazer história.   dizer que todo o ato técnico impõe reinven es, mudanças no corpo-si, e nos debates de normas/valores que as sustentam.

Os resultados das nossas análises mostram como, mesmo após a introdu o de automatiza o, s o constr dos *projets-héritages*:  -se confrontado/a com dramáticas de uso de si, imp em-se arbitragens, escolhas de saberes-fazer de que se   herdeiro/a - para, simultaneamente, desenvolver dinámicas de transforma o. São estes *projets-héritages*, então, vetores de (re)configura o dos territórios de trabalho, e do que neles permanecerá sedimentado como legado.

Palavras-chave

projets-héritages, património, território, corpo-si, usos de si

Resumen

Cada uno/a, a través de su actividad de trabajo, intenta contribuir a construir un legado, a poner en patrimonio sus saberes-valores. Sin embargo, esto no siempre es posible. Los procesos de transformación tecnológica instigan este debate de manera particular.

Nuestra investigación realizada en el sector del corcho busca mostrar cómo la actividad de trabajo, atravesada por la técnica, contribuye a hacer historia. Es decir que, todo acto técnico impone reinvencciones, cambios en el cuerpo-si, y en los debates de normas/valores que los sustentan.

Los resultados muestran cómo, incluso después de la introducción de la automatización, se construyen *projets-héritages*: se es confrontado a dramáticas de uso de si mismo, se impone arbitrajes, se escogen saberes-hacer de entre los que se es heredero - para, simultáneamente, desarrollar dinámicas de transformación. Estos *projets-héritages* son, pues, vectores de (re)configuración de los territorios del trabajo, y de lo que quedará sedimentado en ellos como legado.

Palabras clave

projets-héritages, patrimonio, territorio, cuerpo-si, usos de si

Résumé

Chacun.e, par son activité professionnelle, cherche à contribuer à la construction d'un héritage, à édifier ses savoirs-valeurs en patrimoine. Mais ce n'est pas toujours possible. Les processus de changement technologique convoquent ce débat, de façon particulière.

La recherche que nous avons menée dans le secteur du liège vise, notamment, à montrer comment l'activité de travail, traversée par la technique, contribue à faire histoire. C'est rappeler que tout acte technique impose des réinventions, des changements dans le corps-soi, et dans les débats de normes/valeurs qui les traversent.

Les résultats de nos analyses montrent comment, même après introduction de l'automatisation, se construisent des projets-héritages: dans une confrontation aux dramatiques de l'usage de soi, aux arbitrages qui s'imposent, aux choix de savoir-faire dont on est héritier - pour développer simultanément des dynamiques de transformation. Ces projets-héritages sont ainsi vecteurs de (re) configuration des territoires de travail - et ils s'y maintiendront comme acquis.

Mots clés

projets-héritages, patrimoine, territoire, corpssoi, usages de soi

1. Trabalho, território e património

As relações entre a atividade de trabalho e o território têm sido objeto da nossa análise em diferentes contextos e a partir de diferentes eixos de reflexão (Cunha, 2021; Cunha & Lacomblez, 2012; 2021).

Propomos aqui pensar estas relações, por um lado, analisando a forma como o legado da atividade de trabalho é inscrito no território e contribui para a sua configuração e, por outro lado, discutindo como a sua sustentabilidade requer o reconhecimento coletivo desse legado como património - património de uma determinada atividade de trabalho, do setor em que se enquadra, da região onde a história do processo de patrimonialização se constrói. A nossa asserção é a de que o território não é somente o "terreno" em que a história das atividades de trabalho e dos seus protagonistas é quotidianamente tecida. Pelo contrário, o território constitui uma categoria de análise pertinente no estudo das atividades de trabalho: ele é um espaço agido, produto também da atividade de trabalho e da construção de normas do *vivre ensemble*. Face a mudanças nos contextos de trabalho que pronunciam o risco de desencastamento territorial dos modos de fazer, de que são exemplo os processos de transformação tecnológica, ganham relevância os estudos que consideram o território e o património (ou a sua

descontinuidade) nas suas análises. Estes processos de transformação tecnológica impõem, pois, outros usos de si, e convocam debates de normas e de valores que reconfiguram os territórios de trabalho, e a sua recomposição, para os tornar "habitáveis".

Ora, se a reconfiguração do território se faz a partir das reservas de alternativas que a atividade de trabalho propõe (Schwartz, 2000), nem sempre as suas potencialidades transformadoras são objeto de atualização. Como podem estas reservas de alternativas contribuir para a afirmação de outros projetos, de outros sentidos de desenvolvimento?

2. Reservas de alternativas e projetos-héritages

A nossa proposta de reflexão sobre este legado da atividade e da sua sedimentação no território, encontra eco no conceito de *projet-héritage* de Schwartz (2014): "(...) por onde quer que o agir coletivo, ao longo do tempo, seja construído, projetos e alternativas vão apoiar-se sobre o legado adquirido e colocado em memória comum, sobre os patrimónios construídos na história (...). Mas, reciprocamente, a fabricação de projetos, voltados para o futuro a construir, selecionará, neste passado, segmentos de patrimónios coletivos suscetíveis de dar credibilidade a estes projetos. A herança permite a cristalização do projeto, mas retroativamente o projeto configura no passado a herança que o poderia prefigurar" (p. 10, tradução livre).

A discussão sobre as relações entre a atividade de trabalho no quadro de processos de mudança tecnológica, o território e o património, encontra pertinência heurística na referência a este conceito. Um *projet-héritage* é, simultaneamente, a construção de um património - em que se sedimenta o agir de diferentes protagonistas, a sua história, as suas reservas de alternativas (Schwartz, 2000), e as regiões onde têm lugar, e de que ele é síntese, mais ou menos visível, mais ou menos socializado - mas também o que dele se apreende como legado. Que escolhas determinam este legado? Como o tornar disponível coletivamente? Como inscrever neste património e no seu legado uma perspectiva de transformação - do trabalho, do território, do *vivre ensemble*?

A abordagem cruza a referência a questões que passam os níveis macro e micro de análise. Sem a invocação do nível macro, a visibilidade e a socialização do património, construído pela atividade industrial, compromete a sua ambição transformadora. Mas, só pela ancoragem no que revelam as situações concretas de trabalho, podem ser legitimadas as orientações estratégicas para o desenvolvimento. As dialéticas entre o projeto e a herança são construídas no tempo, são

necessariamente plurais, e histórica e geograficamente diferenciadas.

3. Automa o e reconstru o da experiência de trabalho no setor da cortiça

Para discutir estas dial ticas, referiremos um estudo, atualmente em curso ^[1], desenvolvido no setor da cortiça, num "distrito industrial" da região Norte de Portugal. A pesquisa tem como objetivo explorar como, nos processos de transforma o industrial que marcam este sector, a experiência de trabalho   considerada na interven o e desenvolvimento dos processos de automatiza o. Os resultados aqui apresentados ^[2] sustentam-se no recurso a uma abordagem metodológica de cariz qualitativo, designadamente observa es em contexto real, registo de verbaliza es, e entrevistas com trabalhadores/as.

3.1. O setor da transforma o da cortiça encastrado num "distrito industrial"

Em Portugal, o setor da cortiça apresenta uma organiza o particular em termos de localiza o geográfica dos seus subsectores: a produ o da matéria-prima (produ o suber cola) localiza-se principalmente no sul de país (Alentejo Central, Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Lezíria do Tejo), enquanto a indústria transformadora se localiza sobretudo no norte do país. De acordo com os Quadros de Pessoal do Gabinete de Estratégia e Planeamento (MTSSS), referentes ao ano de 2017, e cedidos pela Associa o Portuguesa da Cortiça (APCOR)   equipa de investiga o, das 642 empresas industriais de cortiça existentes em Portugal, 487 localizam-se no concelho de Santa Maria da Feira, onde trabalham 6544 trabalhadores - o que corresponde a 79% dos trabalhadores na indústria corticeira. Nesta região, as empresas encontram-se agrupadas sob a forma de cluster, interligadas e localizadas numa área geográfica restrita, fazendo deste território um "distrito industrial" (Branco & Parejo, 2011). A preserva o deste distrito industrial   tributária de diferentes fatores (Becattini, 1991): (i) do facto de ser tendencialmente monosectorial, e ter um subsector mais representado - o de produ o de rolhas, essencialmente constituído por empresas de micro e pequena dimensão (94,2%); (ii) de estas empresas se manterem interligadas em rede, tendo como eixo uma empresa de grande dimensão - a "empresa-âncora" -, que exerce regula o sobre a capacidade (e flexibilidade) produtiva das empresas que   volta dela coexistem; (iii) da existência de uma dinâmica de inova o tecnológica, instigada por "ameaças" externas (procura crescente de rolhas sint ticas e não de cortiça, a um custo significativamente menor, e não permeáveis ao "TCA" ou Tricloroanisole,

vulgarmente identificado como "odor a rolha", que contamina o vinho, e corresponde a um dos grandes desafios do setor), e a perspetiva pelas empresas de que o investimento tecnológico será a soluço para garantir a diferencia o e vantagem competitiva neste segmento de mercado; e (iv) da capacidade de rea o   pressão "heterônoma", face   eventual emergência de outros polos de transforma o de cortiça, localizados a Sul, e mais próximos da produ o de cortiça.

  o patrim nio de saberes investidos na atividade que contribui para bonificar, de forma singular, o território onde esta indústria está fortemente ancorada. Não obstante, a realidade do trabalho dentro deste distrito industrial   diferenciada, designadamente, do ponto de vista do emprego (e.g., segmenta o de g nero, como acontece com as escolhedoras e os traçadores) (Cunha, Silva, & Macedo, 2021), da estabilidade da rela o salarial (posicionamento de cada empresa face   "empresa-âncora"), e das iniciativas de transforma o industrial, fazendo subsistir questões que interpelam os projetos ditos "de desenvolvimento tecnológico" do setor.

3.2. O debate sobre os territórios da atividade de trabalho face aos limites da transforma o tecnológica

Num momento em que os discursos sobre a automa o, a digitaliza o e a robótica têm ganho uma aten o crescente, no âmbito do paradigma da Indústria 4.0, e apesar de a introdu o de máquinas automáticas neste setor não ser inteiramente recente, a pertinência da sua análise neste contexto adv m sobretudo dos limites da automa o que o ponto de vista da atividade de trabalho revela. Que questões convoca a atividade relativamente aos processos de automatiza o e aos seus limites?

3.2.1. A sele o automática   possível... convocando saberes-fazer da escolha manual

A inova o tecnológica na produ o de rolhas   particularmente visível na atividade das escolhedoras (s  mulheres exercem tal atividade). As máquinas automáticas introduzidas têm permitido dar resposta às exigências emergentes no setor, como, por exemplo, garantir níveis de produtividade mais elevados, através das máquinas de sele o automática; ou assegurar a máxima qualidade do produto final, graças a um novo método de sele o conhecido por "sniffing".

Retomamos o caso de uma das empresas que tem investido na introdu o de tecnologia na sele o das rolhas, designadamente máquinas de "escolha automática" (máquinas "da raça" e de "desdobra" das rolhas) ^[3]. A capacidade produtiva aumentou: "são precisas 4 a

5 trabalhadoras para produzir [o equivalente a] uma máquina". Mas, o debate de valores não pode ser escamoteado da compreensão da atividade: "Não gosto da escolha. Não respeitam o nosso trabalho. A rolha fraca não conta, são conta a rolha boa e 'tens de fazer dez mil rolhas!' e não interessa o volume da rejei o. São conta a rolha boa". "Que culpa tenho eu, se o produto tem ou não qualidade? O meu trabalho está mal feito se as que rejeito têm defeito?"

Contudo, a singularidade do contributo da atividade   determinante para a preserva o desse sector neste território. Uma das trabalhadoras enaltece-o, e questiona a reconfigura o do território pelos avanços tecnológicos, "(...) o olho humano   insubstituível. Olhe, por exemplo, na escolha, um ano seco ^[4] não   detetável pela máquina.   claro que máquina não se cansa e, humanamente, escolher uma hora não   o mesmo que escolher oito horas seguidas.  s tantas, já duvidamos se   o tapete que mexe, ou se somos nós..." E uma outra trabalhadora: "aqui escolhemos a rolha que a máquina não escolhe bem... Se a máquina escolhesse tudo...". "A máquina falha no reconhecimento! A identificar o defeito!" Na realidade, a escolha automática criou exigências suplementares na atividade, o grau de escrutínio   agora maior. Como foi referido pelo próprio responsável da empresa, "O que queremos   uma escolhedora que perceba da coisa e que olhe para a máquina e diga: 'a máquina está a escolher mal!'   preciso perceber". Este exemplo ilustra bem como o funcionamento (dito) automático da máquina de escolha faz apelo ao patrim nio da atividade.

Para além da escolha por dete o visual, um outro método de escolha tem vindo a ser introduzido: a escolha por dete o olfativa, ou *sniffing*. O *sniffing* consiste em cheirar as rolhas, previamente aquecidas pela "máquina de *sniffing*", com o intuito de identificar defeitos, que se traduzem em odores específicos, e que as escolhas automática e visual não detetaram.

A automatiza o exigiu uma reinven o, ainda em curso, do *corpo-si*: "há cheiros que ainda não sei o que  , se   bom ou mau..., na d vida meto no médio [alcofa onde são colocados os cheiros que suscitam d vidas às escolhedoras], e vai lá para cima para analisar no laboratório (...) A máquina tem 4 meses, há cheiros que se v  logo, mas aparecem cheiros pela primeira vez e ficamos sem saber". Assim, para além da exigência de um maior escrutínio do ponto de vista da sele o visual,   exigida também a aquisi o de uma memória dos defeitos das rolhas, perceptível pela discrimina o de diferentes odores que lhe estão associados. Ainda que alguns destes odores possam ser descritos de forma aproximada, esta discrimina o   possível apenas gra-

as a saberes investidos na atividade pela memória dos sentidos, isto  : do corpo.

A configura o espacial e temporal da atividade foi, por conseguinte, transformada pela automatiza o.

Das análises conduzidas em contexto real, sobrev m a este propósito, o facto de o funcionamento automático das máquinas de sele o, para cumprir as exigências de qualidade definidas, ter sido possível apenas pela convoca o e mobiliza o dos saberes-fazer prévios das escolhedoras, desenvolvidos através de anos de experiência nesta atividade. São disso exemplo os momentos de "fazer a amostra" para a reprograma o da máquina, em que os critérios visuais de escolha prevalecem, mas também a identifica o de defeitos que a leitura  tica das máquinas ainda não consegue detetar. A atividade de trabalho, atravessada pela técnica, contribui então claramente para a história deste sector e desta região, realçando que todo o ato técnico impõe reinven es, mudanças no *corpo-si* (e.g., a sele o por *sniffing*), mas também uma evolu o dos debates de normas/valores que as sustentam.

3.2.2. O ato técnico em debate a partir do *corpo-si* - síntese de todos os territórios de trabalho

A experiência das escolhedoras   um fator distintivo de competitividade para estas microempresas. Mas, esta experiência incorpora também saberes que perpassam todos os territórios que se revelam no seu trabalho - do montado (produ o de cortiça)   sele o das rolhas (na transforma o). A atividade de escolha afere a qualidade da rolha, mas muito mais: afere a qualidade de todas as atividades a montante, desde os cuidados com a árvore (e.g., salvaguarda do tempo mínimo entre um descortiçamento e o seguinte), o crescimento e maturaa o da sua casca no montado, até   sua transforma o na indústria. E estas trabalhadoras são confrontadas com a síntese dos processos de produ o e de transforma o, tendo desenvolvido saberes que os integram, e que, implícitos, se revelam incorporados no "tato", no olhar e no olfato, como o ilustra o exemplo seguinte.

Projeto CORK-In [registo de observa o e de verbaliza es, 16.10.2019]

– "Essa rolha está boa?" [pergunta a trabalhadora ao olhar para uma rolha retirada do tapete durante a observa o]

– "Sinta a rolha! Esfregue-a nos dedos!"

Digo que está rugosa, áspera.

– "Tem prego" - diz ela [resultado de uma agressão do ambiente   casca do sobreiro]

E continua:

– “Pegue nesta. V  essa mancha acastanhada? Raspe com o dedo!”

Raspo e surge um sulco escondido.

– “  cobrilha. O p  fixou a , não saiu e escondeu o sulco”

Viajo a montante. Chego ao montado e 40% da produ o de cortiça pode ter cobrilha. E des o   transforma o e vejo que o despoeiramento e a lava o podem não limpar tudo.

Mas, a escolhadora tem de ver, sabe que muito do que escolhe começo no montado, que depende da qualidade do trabalho do fornecedor. Por isso, dizia:

– “Uma boa rolha d  sono!” [porque há um trabalho a montante com qualidade, porque a matéria-prima   de qualidade]

– “A máquina não tem sono! Mas não sabe! Olhe esta... pegue nela, e veja!”

A princípio não reparei, mas depois com o dedo, senti que parte do corpo da rolha não estava cilíndrico, mas plana. E ela diz:

– “Caleira! Pode acontecer na brocagem” [etapa de fabrica o da rolha propriamente dita, através de uma broca manual; os broquistas furam o traço de cortiça para dar origem   rolha]

E voltamos a montante, agora na transforma o, quando ao “picar o traço” o broquista fura o traço muito perto, em cima da anterior e apanha a face cortada do traço, ficando um sulco côncavo na rolha.

– “Dizem que somos malandras aqui na escolha! Não se lembram que a cabeça está sempre a trabalhar e que   cansativo. (...) A máquina não sente e, por isso, não v ”

– “Para mim, rolha   a natural [de cortiça]. A outra [a rolha técnica]   uma coisa...” – a sugerir que já está muito longe do sobreiro, da prancha de cortiça,   um produto muito transformado.

Vemos a partir deste exemplo como, sobre o ato técnico há uma tomada de posi o, e como o *corpo-si*   matriz de arbitragens.   a partir deste *corpo-si*, que   síntese de diferentes territórios do trabalho, que se geram os debates de normas e de valores, e se reinventam as formas de fazer a atividade.

A experiência destas trabalhadoras (*l'héritage*) contribui para redefinir o projeto (*le projet*) de eficácia técnica que a automatiza o, por si só e definida de forma un vo- ca, não poderia fazer lograr. Tal como refere Schwartz (2000), todo “o ato técnico   reinven o (...); não requer só um “sujeito”, mas uma entidade enigmática, charnei- ra do biológico, do neuropsicológico, do psíquico, e do

histórico-cultural” (pp. 570–571, tradu o livre).

No quadro das microempresas que caracterizam este distrito industrial, o reconhecimento destes saberes   condi o da sua própria sustentabilidade. Mas, este ter- rit rio, estruturado em rede (de rela oes sociais e ma- teriais),   também atravessado por rela oes de poder, suscetíveis de comprometer a continuidade deste pro- cesso de patrimonializa o.

4. Como garantir a preserva o deste patrim nio e a sua ancoragem naquele território?

Um *projet-héritage*   atravessado por diferentes tempo- ralidades, a sua compreensão situa-se tanto na análise s ncronica quanto diacr nica. Ele vai sendo desenvolvi- do e   territorializado quando atinge um grau de conso- lidado definido. O confronto do *corpo-si* com mudanças tecnológicas não   nunca determinístico: há debates de normas e de valores, arbitragens, “atos de valoriza o e de desvaloriza o” (Schwartz, 2000, p. 569), em nome dos quais a história se refaz em permanência.

Assumimos o princípio de incomensurabilidade dos dois registos presentes em todo o ato técnico: o da t c- nica em si, sabendo que a sua eficácia depende sempre das condi oes locais, dos seus territórios específicos de implementa o; e o de tomada de posi o face   mu- dança tecnológica tendo como referência a experiência anterior. Concluímos, a partir das situa oes apresen- tadas, que a atividade exerce esta tomada de posi o sobre a automatiza o, e propõe *projets-héritages* que contribuem, quer para a sua viabilidade, quer para a re- defini o dos territórios do trabalho, tornando-os habi- t veis, “vivíveis”.

A explora o dos debates imanentes ao *corpo-si* leva- nos a prosseguir a pesquisa considerando também os impactos na saúde associados a esta reconstru o dos territórios de trabalho. E o patrim nio de ensinamentos de Canguilhem bem no-lo revela: a saúde   construída a partir das tentativas de configura o do meio em torno das suas próprias normas. Mas, que constrangi- mentos e que impactos na saúde adv m das tentativas prosseguidas, mais ou menos conseguidas, pelos/as trabalhadores/as, face   normatividade da técnica?

E, partindo desta questão, uma outra se coloca a prop - sito da socializa o do patrim nio: se este patrim nio se inscreve, em parte, no *corpo-si*, como o tornar visível e disponível coletivamente?

Agradecimentos

Este trabalho é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian - Projeto “CORK-In: Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria”.

Referências Bibliográficas

- Becattini, G. (1991). Italian Industrial Districts: Problems and Perspectives. *International Studies of Management & Organisation*, 21, 83-90. <https://doi.org/10.1080/00208825.1991.11656551>
- Branco, A., & Parejo, F. (2011). *The creation of a competitive advantage in the Portuguese cork industry: the contribution of an industrial district*. Working Paper nº 43. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.
- Cunha, L. (2021). Les apports de l'ergologie pour une intervention développementale territorialisée. In F. Barcellini, J. Arnoud, M. Cerf, & M-S. Perez (Dir.), *Développement et Intervention*. Toulouse: Éditions Octarès [accepté pour publication].
- Cunha, L., & Lacomblez, M. (2012). From the “terrain” to “territory”: which contributions from mobility and bus drivers' activity towards local development? *Work*, 41, 6156-6161. <https://doi.org/10.3233/WOR-2012-1077-6156>
- Cunha, L., & Lacomblez, M. (2021). Territory as a Construct of Work Activity and an Operative Dispositive for and Through Action. In P. Neumann, et al. (Eds.), *Human Factors and Ergonomics in a connected world/L'ergonomie 4.0*. Cham, Springer [accepted for publication in 2021].
- Cunha, L., Silva, D., & Macedo, M. (2021). “This is a job for women, isn't it?": The evolution of a traditional occupational segmentation by gender in a Portuguese industrial cluster. In P. Neumann, et al. (Eds.), *Human Factors and Ergonomics in a connected world/L'ergonomie 4.0*. Cham, Springer [accepted for publication in 2021]
- Schwartz, Y., & Echternacht, E. (2009). Le corps-soi dans les milieux de travail: comment se spécifie sa compétence à vivre? *Corps*, 6, 31-37.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (2014). *Où se trouvent les réserves d'alternative? Travail et «projets-héritages»*. Communication présentée au Séminaire de la Fondation Gabriel Péri. <http://institut.fsu.fr/Ou-se-trouvent-les-reserves-d-alternatives-Travail-et-projets-heritages.html>
- Schwartz, Y. (2020). Activité(s) et usages de soi: quel(s) ‘milieux’ pour l'humain? *Les Études philosophiques*, 201, 93-123. <https://doi.org/10.3917/leph.201.0093>

Notas

- [1] Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto “CORK-In: Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.
- [2] O texto retoma alguns resultados apresentados nos artigos de Cunha, Silva, e Macedo (2021) e Cunha (2021), que se encontram formalmente aceites para publicação.
- [3] As máquinas da “raça” e da “desdobra” são dois tipos de máquinas de escolha automática de rolhas. A primeira seleciona as rolhas de acordo com a classe; a segunda faz a “desdobra” dentro de cada classe de rolhas.
- [4] Um defeito da rolha que tem origem na matéria-prima. É resultado de um ano muito severo de calor e secura, que afeta, no crescimento, o extrato da casca do sobreiro e lhe retira a elasticidade característica da cortiça, assumindo uma textura rígida presente num segmento da rolha, perceptível ao olhar e ao tato.